

# O Extraordinário

## Caso de Shanti Devi

Com esse título, a famosa revista italiana *L'Europeo*, em seus números 640, 641 e 642, de 19 e 26 de janeiro e 2 de fevereiro de 1958, publicou, ilustrada com inúmeras fotografias coloridas, uma longa reportagem de seu colaborador sueco Sture Lönnerstrand. A revista *Reformador*, em junho de 1958, publicou um resumo da reportagem, ofertando ao público Espírita um caso raro de comprovação da reencarnação, que reproduzimos a seguir:

**N**uma introdução, diz a revista que o caso se refere a uma senhora indiana, chamada Ludgi Devi, que morreu a 4 de outubro de 1925, às 10 horas da manhã, no hospital onde havia dado à luz um menino. Contava 23 anos e era casada com um abastado brâmine de Mathura, cidade que dista uns 140 quilômetros de Delhi.

Pouco mais de um ano depois, a 11 de dezembro de 1926, nasce em Delhi, no seio de uma família abastada e de ótima educação, uma menina à qual foi dado o nome de Shanti Devi<sup>1</sup> (*Devi* significa deusa, e é nome muito comum na Índia).

Aos 4 anos de idade, Shanti Devi começou a recordar-se de sua vida anterior, vivida na pessoa de Ludgi Devi. A pouco e pouco essa lembrança foi-se tornando vivíssima e uma comissão de in-

vestigação, examinando uma série impressionante de provas e depoimentos, afirmou a evidência da sua reencarnação. As notícias do fato, publicadas resumidamente em 1935, não obtiveram grande repercussão na Europa.

Foi há pouco tempo que o colaborador da mencionada revista resolveu, depois de recolher as notícias aparecidas à imprensa europeia, ir à Índia, onde ouviu a própria protagonista da história e algumas dezenas de testemunhas. Com o que apurou pessoalmente, escreveu um livro, de cujas passagens mais importantes se extraiu a reportagem que ora reproduzimos, resumindo:



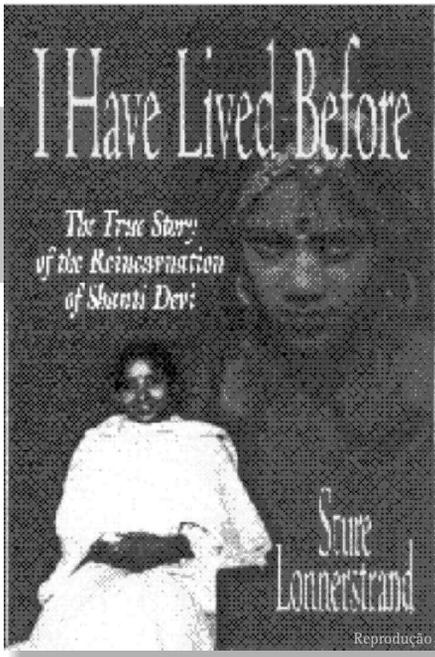
A primeira pessoa que interrogou ao chegar a Delhi, cidade onde ocorreu o fato - informou Sture

Lönnerstrand - foi o advogado Tara Chand Mathur, pessoa culta e altamente considerada naquela cidade e que havia sido um dos três membros da comissão de investigação.

Ao procurá-lo, sentiu-se ainda invadido pelo ceticismo, ou pelo menos pela perplexidade: não era a Índia a pátria dos santos, dos professores da "psicologia do profundo"? Não era fácil pensar em fenômenos telepáticos, ou hipnóticos, ou de sugestão, sobretudo numa cidade como Delhi?

Depois de alguns minutos de conversação, notou que se achava à frente de uma pessoa de viva inteligência e de grande cultura. O Dr. Tara Chand Mathur confirmou que a investigação havia sido efe-

<sup>1</sup>Em português, leia-se Xânti Devi. Nota de *Reformador*.



Capa do livro  
I Have Lived Before  
de Sture Lönnerstrand  
sobre a reencarnação de  
Shanti Devi

tuada por ele; pelo Sr. Lala Deshbandu Gupta, Presidente da Associação Nacional dos Editores, editor do *Daily Teje*, membro do Congresso; e pelo Sr. Pandit Neki Ram Sharma, parlamentar insigne e líder do Partido Nacionalista. A investigação, esclareceu, não havia sido ordenada por nenhuma autoridade; eles a haviam realizado por sua própria conta e comunicado o relatório a toda imprensa do País.

- O Senhor - indagou o jornalista - certamente habituado pela profissão à objetividade, conduziu a investigação com o habitual critério jurídico. Está convicto de que não houve artifícios hipnóticos ou telepáticos?

- A investigação excluiu essa hipótese. De resto, não haveria razão para tais artifícios, nem alguém que os pudesse fazer. Um influxo telepático ou hipnótico não dura toda a vida. Shanti Devi começou a recordar de modo nebuloso a sua vida precedente aos quatro anos de idade, a memória

desenvolveu-se com o seu crescimento e é hoje conservada perfeitamente lúcida. Não se trata de uma memória fragmentária. Tudo o que Shanti Devi recorda pode ser conferido: muitas pessoas e coisas de que se lembra ainda existem e comprovam suas afirmativas.

Ante o espanto do jornalista europeu, que lhe perguntou se conhecia outros casos de reencarnação, respondeu-lhe o advogado indiano que sim, mas que nenhum havia podido ser comprovado como esse. E acrescentou um pouco ironicamente:

- De um modo geral, a transmigração da alma não é um privilégio nosso, os indianos; não se fala dela também no Evangelho? Vós a chamais reencarnação, mas o conceito é o mesmo.

O entrevistado, porém, considerou que seria melhor conhecer pessoalmente a heroína da história. Chamou dois de seus filhos e recomendou-lhes acompanharem o jornalista à residência de Shanti Devi. As relações entre as duas famílias datavam de longo tempo, tendo-se iniciado justamente quando, na infância da menina, eram vizinhas.

A jovem achava-se ausente, e o jornalista foi, então, apresentado aos seus genitores: o pai, Rang Bahadur, e a mãe, Prem Pyari. Recebido cortesmente, e depois das

primeiras explicações, o jornalista iniciou seu inquérito, perguntando ao pai da jovem, que se expressava em excelente inglês:

- Como o senhor começou a perceber que a menina não era normal?

O interrogado mostrou-se surpreso:

- Não era normal? Sempre foi normalíssima. Começou a falar coisas estranhas aos quatro anos de idade, inteiramente fora daquilo que podia conhecer. Pensamos, a princípio, que se tratasse de uma curiosa forma de imaginação infantil. Mas tais fantasias, à medida que a menina crescia, aumentavam de número e ganhavam em detalhes. E um dia disse, em claro e bom tom, que havia vivido em uma cidade chamada Muttra. Tendo-a sob constante observação, eu e sua mãe demos conta de que se tratava de uma expressão manifesta de reencarnação e esperávamos que, com o correr do tempo, se esbatessem tais recordações. Para não perturbar a menina, não lhe dissemos nada. A memória de sua vida anterior, porém, se reforçou cada vez mais, até que, um dia, ela pediu para ser levada a Muttra.

Passa o pai da jovem a explicar que Muttra é o nome dialetal dado à cidade de Mathura pelos seus habitantes, fato esse que a princípio lhe era desconhecido. Shanti, ao fazer aquele pedido, havia completado 5 anos de idade. O jornalista indaga se a menina era hipersensível, se se referia a outras coisas com a mesma insistência, se se deixava suggestionar. ▶

Recebeu esta resposta:

- Não digo que fosse hipersensível; era certamente mais inteligente que os irmãos. Demonstrou desde cedo inteligência acima da idade. Trazia a manter-se calada, e dava a impressão de viver assobrada com um pensamento dominante. Quanto à sugestão, não sei o que dizer, pois ninguém a sugestionava.

Tendo-lhe o jornalista perguntado se, além desse indício, Shanti havia dado outros relativos à sua vida precedente, o pai da jovem reportou-se à questão dos alimentos. Disse que Shanti bem cedo manifestara, com insistência, predileção pela dieta bramânica, e que só mais tarde os pais vieram a saber que em sua vida anterior ela havia pertencido à casta dos brâmanes. Em seguida, referiu-se ao vestuário, explicando que os hábitos diferem entre Mathura e Delhi. Pois bem: um dia a menina, ao ser vestida pela mãe, declarou que não era aquele o seu único modo de vestir-se e, evidenciando as re-

miniscências de sua outra vida, mencionou, pelos nomes típicos, os adornos e jóias somente usados pelas mulheres bramânicas. Notável é que para indicar uma dessas jóias, a menina empregava o termo *churey* pelo qual ela é conhecida exclusivamente no dialeto de Mathura, dialeto inteiramente desconhecido dos familiares.

Indagando se a jovem, quando menina, havia falado de um marido (da existência anterior) obteve resposta afirmativa, mas, surpreendeu-se o jornalista com o fato de a menina recusar-se a dizer-lhe o nome, querendo descobrir nisso uma trapaça infantil. Mas o Sr. Rang Bahadur esclareceu logo:

- Não. A própria Shanti explicou a razão: a esposa hindu bem educada evita sempre mencionar o nome do marido a outras pessoas. É uma demonstração de reserva e modéstia. Ninguém havia ensinado tal coisa à menina; no entanto, para ela, tratava-se de coisa natural e sabida.

- A menina recusava-se tam-

bém a descrevê-lo? indagou o repórter.

- Apenas um dia deixou escapar que ele tinha uma verruga na face.

- Era verdade?

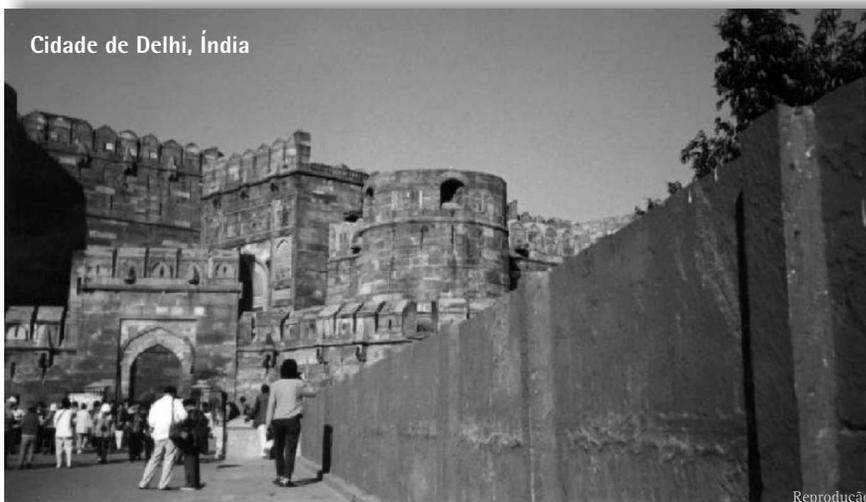
- Sim. Era verdade. Ele ainda a tem.

O jornalista sentiu-se animado a fazer uma pergunta indiscreta: se o Sr. Rang Bahadur julgava impossível que alguém da família, ou mesmo algum conhecido ou vizinho, pudesse ter sugestionado, hipnotizado Shanti, de modo a levá-la a dizer todas aquelas coisas.

A resposta foi incisiva:

- É inteiramente sem sentido admitir tal coisa. A nossa pequena jamais saiu da casa sozinha, e os nossos vizinhos eram e são pessoas muito distintas, estimadas e normais. Ninguém, muito menos qualquer membro de nossa família, teria tido meio ou interesse de influenciar uma menina de quatro anos, a ponto de fazê-la crer numa existência passada.

Sabendo que o marido ainda era vivo, mas ante a negativa de Shanti de revelar-lhe o nome, quis saber o jornalista como havia agido a família dela para entrar em contato com ele. O pai da jovem respondeu-lhe que eles não cogitaram disso, com receio de perturbar a menina, mas o fizeram por instância do advogado Tara Chand Mathur. Este levou à casa de Shanti um amigo comum, o Dr. Kichen Chand que, acercando-se da menina, lhe disse muito naturalmente que tinha negócios a tratar com o marido, pelo que precisava saber o seu nome a fim de lhe



escrever. A menina, então, lho disse, acrescentando logo o endereço!

Assim, através de correspondência, combinaram uma visita do marido, Sr. Kedar Nath, à família de Shanti, o que se deu a 13 de novembro de 1935, quando a menina tinha quase 10 anos. O referido senhor compareceu acompanhado da segunda mulher e do filho do primeiro casamento, isto é, do filho de Shanti.

- Como se deu o encontro entre os dois? - indagou o jornalista.

- A menina - respondeu o pai - reconheceu-o imediatamente, sem confundi-lo com o irmão dele, mais velho, que também o acompanhava. Sorriu-lhe com alegria e respeito, como se fosse sua mulher.

- Que perguntas lhe fez o Sr. Kedar?

- Um pouco de tudo. Como era a casa deles, que pessoas conheciam, quem eram seus pais, e coisas assim. Mas aquelas que o convenceram definitivamente foram as de caráter íntimo. O Sr. Kedar Nath se conduziu com muita delicadeza e tato, sobretudo por tratar-se de uma menina de 10 anos, mas Shanti lhe respondeu como somente sua mulher poderia responder-lhe.

O Sr. Rang Bahadur discorreu, ainda, sobre as circunstâncias que levaram, afinal, sua família a empreender viagem a Mathura, atendendo não só aos pedidos do amigo Dr. Tara Chand Mathur, mas também aos rogos insistentes de Shanti, que os amiudou especialmente depois do encontro com o

antigo marido. Todavia, considerando que o maior interesse do interlocutor seria o de conversar com a personagem central da história, convidou-o a voltar no dia seguinte, a fim de avistar-se com a própria Shanti, cujo nome significava “paz”.

O jornalista confessa que foi com emoção que, no dia seguinte, deparou com aquela que estava vivendo uma nova vida: “Nada vi em Shanti - escreveu o Sr. Lönerstrand - que revelasse algo de anormal. É ela de estatura mais baixa que alta, de compleição delicada e harmoniosa, rosto redondo, um pouco infantil, com o tradicional sinal vermelho entre as sobrancelhas.

Usa óculos, mas não sempre. Quando me recebeu, tinha uma expressão séria e pensativa, que era, aliás, o seu modo normal de ser; mas, quando sorria, seus olhos negros brilhavam intensamente e todo o semblante adquiria encanto singular. Shanti tem hoje trinta e dois anos, mas, se eu não o soubesse antes e tivesse que adivinhar, dar-lhe-ia vinte”.

Depois das apresentações, iniciou ele seu interrogatório:

- A senhorita tem memória genérica dos fatos?

- Não apenas genérica. Recordo também as particularidades.

- Então - disse o jornalista - creio que a senhorita se lembrará quando teve a primeira recordação física de sua vida precedente.

- Certamente. Eu era muito pequena. Um dia recusei a alimentação que minha mãe me dava, porque não era aquela que estava ha-

bituada na minha antiga casa. Isto é, eu queria comida bramânica.

Após Shanti lhe haver dito que até hoje se recorda claramente de sua vida precedente, melhor que a infância de sua vida atual, o jornalista prossegue:

- Essa memória se lhe revelou de um só jato, ou gradualmente?

- Gradualmente, direi, ano a ano, até à maturidade.

- Precisou fazer algum esforço pra revivê-la em sua mente?

- Não. Por que o faria? A minha recordação é perfeitamente natural, tal como para as coisas da vida presente. São os acontecimentos que vêm espontaneamente à minha memória, não sou eu quem vai procurá-los.

- A senhorita teve certeza, desde o princípio, que essas estranhas recordações não pertenciam à vida presente, mas à passada?

- Não posso dizer que tivesse certeza, à idade de 4 ou 5 anos, quando não podia raciocinar. Mas assim que essas recordações se objetivaram, compreendi imediatamente que se referiam a uma outra existência.

- Como assim?

- É simples. Eu era ainda uma menina e me recordava adulta e casada. Tenho dois progenitores, e me lembrava de outros dois.

- Isso a perturbava?

- O que eu sentia não era nem angústia nem espanto, era antes uma ânsia de ter uma confirmação, comprovar se era verdadeiro. Por isso, quando meus pais se opuseram a levar-me a Mathura, para ver minha velha casa, eu me desesperei.

A conversa, diz o jornalista, enveredou para a reencarnação e para uma multidão de detalhes da vida anterior que a jovem lembrava: a sua antiga residência, a sua condição social, os lugares, os vizinhos, os parentes e amigos, os pais, mencionando os apelidos pelos quais eles a chamavam. A própria jovem lhe confirmou que quando, afinal, os seus pais resolveram levá-la a Mathura, juntamente, com a comissão de investigação, isto é, aos 10 anos de idade, deixaram a ela o encargo de descobrir as antigas residências (de solteira e de casada), o que ela fez sem se enganar, tendo, ao demais, reconhecido imediata e espontaneamente seus antigos parentes da outra vida, um dos quais se comoveu até às lágrimas, quando ela o chamou por uma expressão familiar só usada por Ludgi Devi. Pelo caminho, apontou todas as construções realizadas depois de sua morte. A menina se exprimia, por vezes, no difícil dialeto de Mathura, dialeto que os próprios genitores atuais não compreendiam.

O jornalista indagou da jovem se lembrava sua morte. Obteve resposta exata do dia, hora e lugar. Falecera em 1925, como já o dissemos no começo deste trabalho, dez dias depois de dar à luz o seu filho Nabanita Lal.

Em sua reportagem, ele salientou a situação absurda em que se encontrava, de perguntar a uma pessoa se esta se recordava de sua morte e receber resposta. O inconcebível do fato levou-o a fazer todo o gênero de perguntas à pró-

pria jovem, das quais destacamos as seguintes:

- Quando a senhorita morreu, recorda-se de algum último pensamento?

- Recordo-o muito bem: pensei, com grande força, em Crisna.

- Seu pai me referiu o fato de que seu antigo marido, ao vir visitá-la, veio acompanhado da atual esposa e do filho, este nascido do primeiro casamento, quer dizer, filho de Ludgi Devi. Que impressão teve ao vê-lo?

- Eu o reconheci. Não sei explicar-lhe como, mas soube imediatamente que era meu filho. Deve ter sido um instinto materno.

Kedar Nath fez a ela inúmeras perguntas de natureza íntima, às quais respondeu com desembaraço e precisão. Com a partida do antigo marido, a menina foi presa de estranho desespero.

- Eu insisti por ir a Mathura. Entre outras coisas, disse que deveria finalmente levar o meu dinheiro ao templo.

- Que dinheiro?

A entrevistada contou, então, que havia economizado 150 rúpias do dinheiro que o marido lhe dava para suas despesas pessoais. Essa importância ela a havia guardado num esconderijo, situado no pavimento de um cômodo de sua casa, e se destinava a um óbolo a certo templo religioso, caso o esperado filho fosse do sexo masculino. Mas Ludgi Devi, como vimos, faleceu sem poder cumprir o seu desejo.

A outras perguntas do jornalista, Shanti Devi conta que, ao chegarem à sua antiga residência

de Mathura, esta estava pintada de branco, e não de amarelo, como desde criança ela afirmava. Mas o marido Kedar Nath explicou que, de fato, a casa fora pintada de amarelo, e que havia mandado mudar a pintura para branco.

Naquele dia, em Mathura, indagava ainda o repórter:

- Que outras coisas fez a senhorita?

- Pedi para ir ao banho, no rio sagrado Jumna. Acompanharam-me. Mas o caminho, durante todo o percurso, fui eu que o indiquei. Assim que chegamos, dirigi-me ao guardador e lhe pedi a minha roupa de banho costumeira e o meu posto privativo. O guardador ficou estupefato, mas depois se recordou de que, 10 anos atrás, havia uma jovem senhora bramânica que era freqüentadora assídua do banho, e que o seu posto na praia era sempre o mesmo.

O jornalista nota, então, que sua conversa com Shanti Devi se prolongava havia algumas horas, e que ela continuava a responder-lhe com naturalidade, como quem nada tivesse a esconder, e a contar a própria vida com simplicidade. Indagou o jornalista se ela estaria disposta a ir, novamente em sua companhia, a Mathura. Ela aqui-escceu satisfeita, e ficou de solicitar a permissão e a companhia do pai.

Antes de efetuar a viagem, o jornalista procurou de novo o advogado Tara Chand Mathur, com quem conversou longamente sobre o assunto, e o qual lhe deu a folhear a documentação recolhida ►

pela comissão que havia investigado o caso com todas as precauções. Na leitura, assim como nessa segunda entrevista com o Dr. Chand Mathur, encontrou o jornalista confirmação de todos os fatos narrados por Shanti Devi, assim como passou a saber de outros de extraordinária evidência e que ela havia deixado de mencionar. Por exemplo, dizia o minucioso relatório:

“Chegados à sua primeira residência de casada, os quatro (isto é, Shanti e os três membros da comissão) saltaram da carroça e entraram. Veio ao seu encontro um velho brâmane de seus setenta e cinco anos. Shanti o reconheceu instantaneamente, chamou-lhe sogro e ajoelhou-se perante ele, tocando-lhe os pés com profundo respeito. A ação foi tão repentina e espontânea que comoveu mesmo a estranhos, como nós.”

O relatório, em outra passagem, fala das provas do reconhecimento a que ela se submeteu naquela grande casa, e comenta o desapontamento de Shanti, que chegou a chorar, por não ter encontrado, no seu esconderijo, as 150 rúpias que havia guardado.

- Com certeza tu te enganas - disse-lhe um dos membros da comissão.

- Não me engano, não - respondeu a menina - eu havia posto o dinheiro aqui. Quem o tirou?

Diante de sua insistência, o marido Kedar Nath, um pouco embaraçado, confessou que, depois da morte da mulher, Ludgi Devi, havia encontrado aquele dinheiro por acaso e, desconhecendo a sua



finalidade, o havia gasto. A menina, com a explicação, deu-se por satisfeita e tranqüilizou-se.

Como o jornalista não encontrasse no final do relatório as conclusões sobre o caso, perguntou a razão desta falta, ao que o advogado respondeu:

- Quando as coisas são assim tão manifestas, parece-me que isso seria ofender o leitor. As provas da autenticidade da reencarnação de Shanti Devi são de tal forma positivas, numerosas, permanentes e a todo o momento multiplicadas, que desnecessário se tornou expormos as conclusões.

Deixando a leitura daquele documento, que trazia numerosas outras provas concludentes, comentou o jornalista com o Dr. Tara Chand Mathur:

- Deve ter sido emocionante, imagino, também para os senhores.

- Sim - respondeu-lhe o advogado - sobretudo quando nos

acercamos dos genitores de Shanti, isto é, os da sua vida precedente. Foi para nós uma verdadeira questão de consciência: os pobres velhos não sabiam de nada. Encontravam-se no meio de uma roda numerosa de pessoas quando, inopinadamente, viram correr-lhes ao encontro uma menina, que os abraçou dizendo ser Ludgi Devi, a filha morta. De início, não entenderam. Mas, pouco a pouco, dirigindo perguntas à menina, renderam-se à evidência. Ficaram emocionadíssimos, tremiam, tinham os olhos cheios de lágrimas. E nós obtínhamos, assim, também o seu testemunho e a sua confirmação.

Dois dias depois empreendiam viagem a Mathura o jornalista, Shanti Devi, o seu pai e um seu irmão. Como mulher e indiana de família respeitável, Shanti não podia viajar sozinha. Na confabulação que entretiveram, enquanto

corria o trem, o jornalista perguntou, a certa altura:

- Acredito que a senhorita talvez se sentisse mais feliz se não houvesse recordado coisa alguma de sua vida precedente. Ao que a moça retrucou:

- Não sei. No fundo estou orgulhosa de representar a prova viva de doutrina filosófica e religiosa.

Chegados a Mathura, dirigiram-se à casa de negócios de Kedar Nath. Coube a Shanti apresentar este ao jornalista, que igualmente conheceu e conversou com o filho de Ludgi Devi. Depois dos primeiros entendimentos, Kedar Nath convidou-os para irem a sua casa, “minha e de Ludgi Devi”, disse ele. Admitidos ao interior, o dono da casa apresentou ao jornalista a sua atual esposa e sua nora. Esta última, assim que soube que o jornalista pretendia fotografá-la juntamente com Shanti, tratou de refugiar-se em um dos compartimentos do interior. Kedar Nath explicou, então:

- Ela considera Shanti sua sogra e disse que não está direito deixar-se fotografar a seu lado.

O jornalista, sentindo-se à vontade, faz a Kedar Nath uma porção de perguntas, às quais ele respondeu com muita franqueza. Registramos aqui os diálogos mais expressivos. O entrevistado começou confessando que ao receber as primeiras notícias sobre as revelações da menina Shanti Devi, não lhe deu grande crédito, não obstante fossem elas curiosamente exatas e que só Ludgi Devi podia saber, ele estava casado de novo,

era um negociante abastado, e por isso chegou a temer qualquer chantagem de uma família desconhecida.

- Mas o senhor se convenceu, falando com Shanti?

- Naturalmente. Não teria sido possível duvidar.

- Shanti me disse que o senhor lhe fez perguntas íntimas. De que gênero?

A esta pergunta, Kedar Nath solicitou e obteve o assentimento de Shanti, para responder:

- Foram perguntas referentes, primeiramente, aos nossos atos domésticos, por exemplo: os pratos de minha predileção, o dinheiro que gastávamos, a criadagem e coisas assim. Depois fiz perguntas de caráter sexual, Shanti Devi não havia completado, ainda, 10 anos de idade, e pertencia a uma família de rigorosa educação, mas tinha conhecimentos precisos sobre nossas relações conjugais, quer dizer, entre mim e Ludgi Devi. O senhor pode crer, dispensando-me de entrar em particularidades.

- Ludgi Devi era uma boa esposa?

- Sim. Era corajosa, sincera e inteligente. Poucas pessoas conheci tão cheias de qualidades quanto ela. Era profundamente religiosa, muito devotada à família e ao lar. Havia começado a ler os livros sagrados e a praticar a ioga. Morreu quase de repente, com 23 anos. Fiquei inconsolável por muito tempo. Após uma pausa, continuou:

- Depois eu me casei de novo. A casa não podia continuar assim, minha sogra era muito idosa para

cuidar do menino.

O jornalista notou que Kedar Nath disse isso quase em tom de justificação, com os olhos baixos. A conversação estendeu-se por horas a fio, sempre em torno do mesmo assunto aqui focalizado, tendo o hóspede interrogado a todas as pessoas da casa, inclusive alguns servos que haviam conhecido Ludgi. Afinal, chegaram às despedidas e Kedar Nath acompanhou-os até à estação. Lá, nos últimos colóquios, voltaram à questão dos laços afetivos entre Shanti Devi e Kedar Nath. Este, então, confessou, em voz baixa:

- Sobre o leito de morte de Ludgi Devi, prometi-lhe que não me tornaria a casar. Jurei solenemente e o fiz espontaneamente. Não foi ela que me pediu.

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual o jornalista pôde julgar que aquela era, certamente, a primeira vez que Kedar Nath afirmava tal coisa a Shanti.

Na viagem de volta pararam em Agra, onde se hospedaram na casa da irmã de Shanti. O jornalista tocou de novo no assunto acima com Shanti Devi, estranhando, aliás, o fato de ela, tão prendada, não se ter ainda casado. A jovem respondeu-lhe que já havia escolhido: “que não se casaria de novo.”

- Por que diz que não se casará de novo?

- Estou certa de que o senhor compreendeu o que eu quero dizer.

